

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

Sthefany Gomes Da Costa

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA O GATO MALHADO E
A ANDORINHA SINHÁ, DE JORGE AMADO**

Tefé – AM

2023

STHEFANY GOMES DA COSTA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA O GATO MALHADO E
A ANDORINHA SINHÁ, DE JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de grau em Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do
Amazonas (UEA).

Orientadora: Profa. Me. Roseanny Melo de Brito.

Tefé – AM

2023

BANCA AVALIADORA

Orientadora

Avaliadora

Avaliadora

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHÁ, DE JORGE AMADO

Sthefany Gomes Da Costa¹
Roseanny Melo de Brito²

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a representação da mulher no conto infantil O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, de Jorge Amado. Pretende-se, ainda, refletir sobre a representação de gênero como uma construção social, discutir sobre o papel do patriarcado na representação social da mulher, além de relacionar a temática do conto à realidade contemporânea. A reflexão sobre essa representação apoia-se no pensamento feminista, discutido, principalmente, por Grossi (1998) e Follador (2009). Para tanto, são discutidas concepções teóricas referentes à subalternidade, ao patriarcalismo e ao protagonismo de mulheres. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e adotou-se o método de pesquisa o qualitativo. A importância da pesquisa deve-se ao fato de, mesmo se tratando de uma obra voltada para o público infantojuvenil, após análise, “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá” revela que a condição de subalternidade vivencia por mulheres na vida real também se manifesta numa obra ficcional.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Pensamento feminista. Subalternidade. Protagonismo de mulheres.

ABSTRACT

The article aims to analyze the representation of women in the children's story “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, by Jorge Amado. It is also intended to reflect on the representation of gender as a social construction, to discuss the role of patriarchy in the social representation of women, in addition to relating the theme of the short story to contemporary reality. Reflection on this representation is based on feminist thought, discussed mainly by Grossi (1998) and Follador (2009). Therefore, theoretical conceptions referring to subalternity, patriarchy and the protagonism of women are discussed. A bibliographic research was carried out and the qualitative research method was adopted. The importance of

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA.

² Professora do Departamento de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA. Mestre em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas, linha: Linguagem e Comunicação na Amazônia. Especialista em Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual pela Universidade Federal do Amazonas. Licenciatura em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas.

the research is due to the fact that, even though it is a work aimed at a children's audience, after analysis, "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" reveals that the condition of subalternity experienced by women in real life also manifests itself in a fictional work.

Keywords: Gender. Woman. feminist thought. Subalternity. Protagonism of women.

INTRODUÇÃO

O livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* é uma história de amor, escrita por Jorge Amado em 1948, em Paris, para presentear seu filho João Jorge, em seu primeiro aniversário, e, só depois de seu filho adulto, resolveu publicar no ano de 1976. O enredo envolve uma história de amor impossível entre a Andorinha Sinhá e o Gato Malhado. A narrativa se estende ao longo das estações do ano Primavera, Verão, Outono e Inverno. Ela é narrada pela personagem Manhã, que ouviu a história do Tempo e contou ao Vento. O personagem Gato Malhado é descrito como mal-humorado, muito mau e egoísta, já a Andorinha Sinhá é descrita como jovem, alegre, risonha, trêfega, curiosa, conversadeira, tão bela e gentil. A Andorinha Sinhá, com seu jeito, encantava a todos pelo parque.

Embora seja essa uma narrativa voltada para o público infantil, verifica-se que há nela uma releitura do mundo e dos acontecimentos existentes na sociedade. No conto, pode-se adentrar no universo feminino, visto que é possível perceber na história algo comum na sociedade brasileira: o papel atribuído à mulher. A reflexão sobre esse papel, na presente pesquisa, pauta-se nas concepções teóricas do pensamento feminista, uma vez que se pretende analisar a representação da mulher no conto infantil *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. Pretende-se, ainda, na presente pesquisa, refletir sobre a representação de gênero como uma construção social, discutir sobre o papel do patriarcado na representação social da mulher, além de relacionar a temática do conto à realidade contemporânea.

Um dos olhares que ainda se tem sobre a mulher em nossa sociedade é a mulher como cuidadora: dos irmãos, dos pais, dos avós, dos filhos, do marido, etc. Cabe a ela também assumir os trabalhos domésticos: lavando, passando, costurando, cozinhando, dentre outros. Apesar de a mulher já assumir algum tipo de protagonismo, muitas ainda se veem sem voz, caladas por toda uma sociedade que as impede de falar e ser ouvida. Infelizmente, muitas mulheres não podem fazer o que querem, dar suas próprias opiniões ou ter a liberdade de decidir sobre a sua vida e o seu corpo.

Para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de obter o aprofundamento teórico necessário para a análise da obra em estudo. Para tanto, foi realizada a leitura de livros e artigos. Adotou-se ainda o método de pesquisa qualitativo, o qual se configura como essencial, visto que se pretende analisar a narrativa em estudo, de modo a se aprofundar no objeto de investigação proposto.

Este trabalho constitui-se de três partes: na primeira parte, discutiremos sobre a vida e obra do autor, assim como sobre o seu estilo de escrita e sua importância no cenário literário brasileiro. Logo após, apresentaremos aspectos teóricos relacionados ao gênero na perspectiva do movimento feminista. A seguir, discute-se sobre os papéis assumidos pela mulher na atualidade. Após essa exposição, partimos para uma investigação sobre a representatividade feminina assumida pela personagem Andorinha Sinhá no texto de Jorge Amado.

O presente trabalho é de suma importância, haja vista que nos permite constatar que, mesmo nos casos de uma literatura voltada para o público infantil, sob a aparência de uma temática inocente, muitas das complexidades da vida social se revelam. Ao analisarmos a obra seguindo uma concepção teórica do pensamento feminista, trazemos à tona que a condição de subalternidade vivenciada por mulheres na vida real também se manifesta numa obra ficcional.

1. Embasamento teórico

1.1. Vida e obra de Jorge Amado

Jorge Amado (1912-2001) consagra-se como escritor da geração de 1930 do modernismo brasileiro. Autores dessa geração marcaram a literatura brasileira por assumir em suas obras uma postura crítica voltada para a realidade brasileira. Segundo Goldstein (2008, p. 83), a partir de 1950, suas obras passaram “a dar mais relevo ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso”. Também é característico de sua obra a presença de protagonistas femininas, as quais eram “ao mesmo tempo sensuais, fortes e contestadoras”. Dentre as suas principais obras, destacam-se: *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1937), *Gabriela Cravo e Canela* (1958), *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Teresa Batista Cansada de Guerra* (1972), *Tieta do Agreste* (1977), *Tocaia Grande* (1984), dentre outras.

De acordo com Goldstein (2008), Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna (BA), é filho de João Amado de Faria e Eulália Leal. O pai havia migrado de Sergipe para se tornar fazendeiro de cacau na Bahia.

Além de Jorge, o primeiro filho, o casal teve Jofre (que morreu aos 3 anos), Joelson e James. Antes que o primogênito completasse 2 anos, a família mudou-se para Ilhéus, fugindo de uma epidemia de varíola (a “bexiga negra”). Jorge Amado foi alfabetizado pela sua mãe, através de leituras de jornais. Logo depois, completou os estudos iniciais num internato religioso. Com 11 anos, foi mandado a Salvador para estudar no Colégio Antônio Vieira.

Depois de ter percorrido um grande caminho, o romancista casou-se em 1933 com Matilde Garcia Rosa, na cidade de Estância, em Sergipe. Com ela, Jorge Amado teve uma filha, Eulália Dalila Amado, nascida em 1935 e falecida subitamente com catorze anos. Em 1944, Jorge Amado separou-se de Matilde, após onze anos de casamento. No ano seguinte, em São Paulo, chefiava a delegação baiana no Congresso Brasileiro de Escritores quando conheceu Zélia Gattai. A escritora se tornaria o grande amor da sua vida. Em 1947, nasceu o primeiro filho do casal, João Jorge. Quando o menino completou 1 ano, recebeu de presente do pai o texto “O gato malhado e a andorinha sinhá”, com os desenhos de Carybé (GOLDSTEIN, 2008).

1.2. A complexidade da obra infantil O gato malhado e a andorinha sinhá

De acordo com Jorge Amado (2002), a história de amor impossível exposta no conto infantil O gato malhado e a andorinha sinhá foi baseada em uma trova do poeta Estevão da Escuna, que costumava recitá-la no mercado das Sete Portas, em Salvador. Jorge Amado somente a colocou no papel com o tom fabular dos contos infantojuvenis em 1948, quando vivia em Paris com sua esposa e seu filho. A publicação do livro, entretanto, ocorreu apenas em 1976.

Embora apresente animais como personagens e a proposta de amor, mesmo que impossível, possa ser direcionada tanto ao público infantil como ao juvenil, vale ressaltar que o conto O gato malhado e a andorinha sinhá se revela de difícil compreensão para o público infantil, sendo talvez necessário que um adulto leia a história para a criança, visto que, além de ser bastante extenso (quase 60 páginas), há uma predominância da linguagem verbal e de um vocabulário mais acessível a um público juvenil ou adulto. Assim, para que as crianças façam a leitura do livro, terá que ouvi-la por meio da voz de um adulto. Quanto a isso, Carboni (2012, p. 12) afirma que:

A leitura é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também “leem” o texto ouvindo. Os primeiros contatos das crianças com a literatura ocorrem desse modo. Os adultos leem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler.

Ou seja, a contação de história é responsável por iniciar a criança na leitura, o que demonstra o quanto é importante que alguém leia para uma criança. Certamente que essa leitura precisa ser mais cuidada quando um livro é muito extenso e, quando também as poucas ilustrações utilizadas, não terem por propósito ajudar na compreensão da narrativa. Não há nesse livro, como em muitos produzidos até meados do século XX no Brasil, uma preocupação em articular o texto e a imagem. Atualmente, os livros voltados para o público infantil são bastante ilustrados, de modo a ajudar a criança na compreensão da narrativa. De acordo com Faria (2013), essa articulação entre a linguagem verbal e a não verbal pode ser do tipo repetição e do tipo complementariedade, esta ilustra apenas uma cena da narrativa, apresentado as informações mais importantes na forma escrita, e aquela tem por função repetir a narração escrita na imagem.

Na obra *O Gato Malhado e Andorinha Sinhá*, sob uma aparente história de amor inocente, Jorge Amado discute toda uma complexidade social, que talvez não seja percebida pela criança. É o caso, por exemplo, tanto da presença de uma personagem feminina audaciosa, corajosa e que ousa falar o que pensa, quanto do preconceito e da discriminação em decorrência de um relacionamento amoroso vivenciado por espécies diferentes. Trazendo isso para a nossa realidade, pode-se pensar em relacionamentos entre diferentes classes sociais, diferentes grupos étnicos ou de mesmo gênero.

1.3. A mulher como uma criação social

A mulher é construída socialmente a partir de suas características biológicas, visto que é sempre imaginada como alguém que tem vagina, seios, que pode gerar uma criança, que é um sexo frágil, etc. Essa construção social acaba impondo uma limitação ao gênero feminino, que não pode fugir do que se espera dela na sociedade. Mesmo hoje, momento no qual muitas mulheres romperam o domínio doméstico, o mundo privado, e passaram a ocupar também os espaços públicos, como a escola, a universidade, o trabalho profissional, dentre outros, ainda é possível perceber que elas são vistas como pertencente ao “sexo frágil”.

Quanto a isso, Grossi (1998, p. 4) afirma que:

A ênfase colocada na “origem social das identidades subjetivas” não é gratuita. De fato, existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usados nos exemplos mais corriqueiros, como “mulher não pode levantar peso” ou “homem não tem jeito para cuidar de criança”.

Essa autora nos faz refletir que é a sociedade que impõe ao homem e à mulher o comportamento a ser seguido, os quais não podem ir contra os padrões estabelecidos socialmente. Assim, como se exige que o homem se comporte de uma forma por ser de um gênero “forte”, ele não pode fazer as tarefas de casa ou, simplesmente, se mostrar frágil diante de qualquer situação. Para a mulher, é muito diferente, porque colocam a mulher como um ser totalmente frágil, fraco, que não pode fazer as mesmas tarefas que os homens fazem ou que exerçam os cargos que os homens ocupam.

Diante disso, a mulher, segundo Grossi argumenta a seguir (1998, p. 6), acaba agindo como se fosse socialmente programada, não conseguindo pensar e agir por ela mesma:

[...] Na verdade, sempre agimos como mulheres socialmente programadas e não, como costumamos pensar, como mulheres biologicamente determinada. É claro que podemos (e devemos) modificar cotidianamente aquilo que é esperado dos indivíduos do sexo feminino, pois o gênero (ou seja, aquilo que é associado ao sexo biológico) é algo que está permanentemente em mudança, e todos os nossos atos ajudam a reconfigurar localmente as representações sociais de feminino e de masculino.

Verifica-se, assim, conforme a autora, que, muitas vezes, a mulher exclui o seu próprio pensamento para se encaixar em um meio social, entretanto, isso pode e deve ser mudado no dia a dia, visto que também o gênero é passível de mudança. Os atos assumidos pelas mulheres são capazes de modificar as representações sociais sobre o feminino e o masculino. Essa reflexão que se faz sobre a mulher é o ponto de interesse do movimento feminista. Esse movimento foi criado com o propósito de permitir que as mulheres pudessem ter vez e voz perante uma sociedade, para que tivessem acesso à liberdade em todos os aspectos e que pudessem conquistar em todas as áreas de conhecimento o seu espaço, pois é de extrema importância que isso aconteça.

1.4. O papel da mulher perante a sociedade

Para muitos, a mulher ainda é vista como um ser frágil e incapaz de assumir as mesmas funções ocupadas pelo homem. Ao longo da história, muitas mulheres foram deixadas a margem da sociedade, sem que pudessem ocupar os espaços da escola, das universidades, das academias científicas, do trabalho e da tomada de decisão sobre a própria vida. Atualmente, apesar das muitas conquistas feministas, ainda é grande o número de mulheres que estão invisibilizadas historicamente. Segundo Follador (2009, p. 3), “Trancafiadas em castelos, palácios ou simples moradias as mulheres não tinham vez na história escrita pelos homens”. Por conta disso, de acordo com Rodrigues (2007, p. 2), “torna-

se evidente e necessário ir além de apenas nomear as grandes [mulheres], mas sim buscar a história de muitas que permanecem invisíveis à história da humanidade”.

Parte dessa visão que se tem sobre a mulher deve-se ao patriarcado, o qual tem sido compreendido pelo pensamento feminista como uma relação de poder entre homens e mulheres que situa a mulher numa condição de subalternidade e posiciona o homem nos espaços de poder. Por conta dos estereótipos criados por uma concepção patriarcal do mundo, delega-se à mulher a função apenas de procriar, cuidar do lar e agradar a todos, sem nunca poder expressar a sua opinião. Também por conta disso, dissemina-se a ideia de que os homens é que são os donos das mulheres. No que se refere ao patriarcalismo no Brasil, Follador (2009, p. 8) afirma que, desde o período colonial, foi imposto à mulher a submissão, o recato e a docilidade.

Tal imposição acabou por contribuir com a “formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele”. A mulher, que vivia numa sociedade patriarcal, tornara-se um ser marginalizado, que, segundo Pimenta (2012 p. 2) “não podia manifestar-se sem autorização, não podia expor suas ideias a respeito de nenhum assunto e conseqüentemente não se inseria em papéis sociais perante a sociedade”. Follador (2009, p. 6) afirma que, no decorrer da história: “[...] a imagem do feminino esteve ligada a ambigüidades. Os homens, aqueles a quem cabiam os relatos à posteridade, expressavam seus sentimentos e opiniões de forma dupla, ora demonstrando amor e admiração às mulheres, ora demonstrando ódio e repulsa”. Esse olhar diferenciado se deve ao fato de ora compararem a mulher à Eva, ora compararem-na à Virgem Maria. No Cristianismo, Eva representa a mulher responsável por condenar a humanidade ao pecado. No Cristianismo Católico, Virgem Maria representa a mãe virgem de Cristo, a imaculada, pura.

Assim, segundo Follador (2009, p. 6):

O olhar masculino reservava às mulheres imagens diferentes, sendo em determinados momentos um ser frágil, vitimizado e santo, e, em outros, uma mulher forte, perigosa e pecadora. Essas características levaram a dois papéis impostos às mulheres: o de Eva, que servia para denegrir a imagem da mulher por ele maculada; e o de Maria, santa mãe zelosa e obediente, que deveria ser alcançado por toda mulher honrada.

Vive-se ainda hoje sob uma perspectiva patriarcal, visto que a sociedade faz, de certa forma, uma opressão sob as mulheres, fazendo assim com que elas se sintam intimidadas com a situação existente, pois, mesmo que elas tentem ganhar/conquistar seu lugar, a sociedade

impõe um padrão a ser seguido e uma hierarquia a ser respeitada, os quais têm por propósito deixar bem claro o papel subalterno a ser assumido pela mulher no meio social. A partir do movimento feminista, proliferou a ideia entre as mulheres de que elas podem sim ser protagonistas da sua própria história, que podem ocupar espaços antes só ocupados pelos homens, uma vez que são capazes fisicamente e intelectualmente, e que cabe a elas decidirem se querem ou não se casar e com quem.

Uma das coisas importantes que foi conquistada pelas mulheres foi o direito ao voto, pois foi uma conquista bastante merecida e que lhes permitiu que participassem diretamente da escolha de seus representantes, porém, mesmo com essa conquista, a imposição dos homens é tanta que muitas mulheres acabam se submetendo a essas imposições, primeiramente, dos pais, depois, dos maridos. Uma outra situação vivenciada pelas mulheres hoje, apesar das conquistas alcançadas pelas mulheres, é o fato de elas ainda terem que continuar assumindo a responsabilidade pelos afazeres domésticos e pelos cuidados para com os filhos, o marido, os pais, etc., situação que torna o seu dia a dia bastante extenuante. Conforme Magalhães (1980, p. 123), os papéis assumidos pelas mulheres são vários: “[...] ora é ela dona de casa, esposa, mãe de família, ora enfrenta a chamada dupla jornada de trabalho, é a profissional, trabalhando no lar e fora dele, ora é a mulher que luta para ter uma participação efetiva na sociedade da qual é membro”.

Mesmo vivenciando tantos desafios, atualmente, a mulher vem se inserindo, a cada dia, como peça fundamental e como protagonista da sociedade atual, ou seja, assumindo novos papéis. Além de ser dona de casa, mãe e esposa, a mulher está, cada vez mais, envolvida na sociedade de forma diferente, ou seja, no mercado de trabalho, nas universidades, nas empresas, nos cargos de lideranças, etc.

2. Resultado da pesquisa

2.1 A relação dos elementos na narrativa com as estações do ano

Em “O gato malhado e andorinha sinhá”, verifica-se que os elementos da narrativa estão relacionados com a estação do ano. Assim, na situação inicial, ocorre à primavera, no conflito/complicação, ocorre o verão, no clímax, ocorre o outono, e, no desenlace, ocorre o inverno. A história inicia, então, com um ar de tranquilidade e envolta pela estação do ano primavera: “Quando a Primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, olorosa de

perfumes sutis, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes [...]” (AMADO, 2002, p. 17).

Na primeira estação do ano, que era a Primavera, vai-se descrevendo suas características e mostrando o que de melhor ela trouxe para todos os animais do parque, demonstrando, assim, ser este o início de coisas novas e boas trazidas por essa estação. É nessa estação que os olhares da Andorinha Sinhá e do Gato Malhado se cruzam, caracterizando o momento no qual os protagonistas da história se apaixonam: “[...] No ramo de uma árvore a Andorinha Sinhá fitava o Gato Malhado e sorria-lhe. Somente ela não havia fugido. [...] Em torno era a Primavera, um sonho de um poeta (AMADO, 2002, p. 22).

Em seguida, é apresentado o verão, que, na narrativa, passa de forma curta, configurando-se como um capítulo curto, “[...] porque o Verão passou muito depressa com o seu sol ardente e suas noites plenas de estrelas. É sempre rápido o tempo da felicidade (AMADO, 2002, p. 43). Foi justamente nessa estação do ano que o amor proibido entre os protagonistas se intensifica. Conforme transcrição a seguir, embora o tempo e os momentos trazidos pelo Verão tenham sido momentos rápidos, eles foram de muita felicidade.

Curto foi o tempo do verão para o Gato e a Andorinha. Encheram-no com passeios vagabundos, com longas conversas à sombra das árvores, com sorrisos, com palavras murmuradas, com olhares tímidos, porém expressivos, com alguns arrufos também [...] (AMADO, 2002, p. 43).

O tempo do Verão tornou-se o momento mais especial de todas as estações para a Andorinha Sinhá e o Gato Malhado, pois foi quando se tornaram mais próximos um do outro, o que fez com que ficasse cada vez mais forte o amor existente entre os dois.

O clímax da narrativa ocorre no outono. Essa estação do ano traz consigo uma carga pesada, fazendo com que todos do parque sentissem esse ambiente pesado, mas, certamente, quem mais sentiu isso foi a Andorinha Sinhá e o Gato Malhado: “O outro dia o Outono chegou, derrubando as folhas das árvores. O Vento sentia frio, e, para esquentar-se, corria zunindo pelo parque. O Outono trazia consigo uma cauda de nuvens e com elas pintou o céu de cores cinzentas” (AMADO, 2002, p. 47). O sinal de que o amor dos apaixonados era alvo de reprovações é percebido na passagem transcrita abaixo. Ao ouvir as “murmurações” dos outros animais da floresta, o Gato Malhado cometeu algumas agressões contra eles.

Nesta noite lembrou-se das murmurações do parque e então correu com o Pato Preto, meteu um susto quase mortal no Papagaio (que rezava suas orações noturnas), arranhou o focinho do Cão Dinamarquês, furtou ovos no galinheiro e – cúmulo da

maldade – não os furtou para comê-los e, sim, para largá-los no campo (AMADO, 2002, p. 56)

Na estação do outono, ocorre o término do relacionamento dos protagonistas. É o momento em que a Andorinha Sinhá também anuncia ao Gato Malhado que irá se casar com o Rouxinol: “[...] Então ela lhe disse que aquela tinha sido a última vez, que ia casar-se com o Rouxinol, [...] porque uma Andorinha não pode casar-se com um Gato” (AMADO, 2002, p. 57).

Na estação do inverno, ocorre o desenlace da narrativa, o qual não tem um final feliz para os protagonistas: “Este devia ser um capítulo longo porque o começo do Inverno foi um tempo de sofrimento (AMADO, 2002, p. 58). É no inverno que a Andorinha Sinhá casa com o Rouxinol e que o Gato Malhado morre devorado pela Cascavel: “[...] A música doía-lhe no coração. Canção nupcial para os noivos; para o Gato Malhado, canto funerário. [...] saiu andando devagar. Conhece um lugar longínquo, onde vive apenas a Cobra Cascavel” (AMADO, 2002, p. 60).

2.2 Uma representação social positiva sobre a mulher

A mulher na obra *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, vai assumindo, no decorrer da narrativa, diversas representações, as quais são compreendidas, na presente pesquisa, na perspectiva do pensamento feminista, que argumenta teoricamente que a mulher é fruto de uma representação social e que ela está sujeita às imagens de tempos históricos diversos. Ora é vista como pecadora, ora é vista como uma virgem, uma santa. No início da narrativa, a mulher, personificada na Andorinha Sinhá, assume uma representação positiva, conforme transcrição a seguir:

Quando ela passava, risonha e trêfega, não havia pássaro em idade casadoira que não suspirasse. Era muito jovem ainda, mas, onde quer que estivesse, logo a cercavam todos os moços do parque. Faziam-lhe declarações, escreviam-lhes poemas. O Rouxinol, seresteiro afamado, vinha ao clarão da lua cantar à sua janela. Ela ria para todos, com todos se dando, não amava nenhum. Livre de todas as preocupações voava de árvore em árvore pelo parque, curiosa e conversadeira, inocente coração. No dizer geral não existia, em nenhum dos parques por ali espalhados, andorinha tão bela nem tão gentil quando a Andorinha Sinhá (AMADO, 2002, p. 23).

Percebe-se, no trecho acima, que a mulher é representada como jovem, bela e gentil, razão por que “todos os moços do parque a cercavam”. Ou seja, ela se configurava como a

mulher perfeita para casar. Verifica-se aí que, na descrição do narrador, há um julgamento positivo sobre a personagem. Pode-se observar, ainda, que a personagem é descrita a seguir como uma donzela, isto é, como uma mulher solteira e virgem:

[...] Se lhe acontecer arranjar marido rico, a Manhã não mais acordará antes das onze, e olhe lá. Cortinas nas janelas para evitar a luz violenta, café servido na cama. Sonhos de donzela casadoira, outra a realidade da vida, de uma funcionária subalterna, de rígido horários (AMADO, 2002, p. 9)

Nesse mesmo trecho, completa-se o ideal de mulher, além de jovem, bela, gentil e virgem, ela almeja, sonha em se casar com um homem rico, capaz de sustentá-la e dar a ela uma vida de madame. É bem visível no trecho a seguir mais um comportamento exigido da mulher pela sociedade: Tão jovem que os respeitáveis pais não a deixavam sair à noite sozinha com os seus admiradores [...] (AMADO, 2002, p. 27). A mulher não pode sair à noite ou simplesmente sair sozinha com alguém, caso saísse, estaria desrespeitando aos seus pais e a sociedade a discriminaria, pois não é um comportamento ideal para uma mulher solteira sair à noite com um homem (amigo ou namorado).

São várias limitações e determinações que a sociedade impõe não só para mulher, mas também para o homem. O fato é, como argumenta Grossi (1998), que não “[...] existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres”, visto que o modo como agem homens e mulheres são o resultado de imposições vivenciadas por todos desde que nascem. A mulher ainda bebê vai sendo moldada, de forma a se tornar alguém obediente, principalmente, ao pai e ao marido. Essa imagem de mulher obediente é perceptível na seguinte descrição sobre a Andorinha Sinhá: “[...] terna e obediente, amava os pais. Era bem-comportada, amável e bondosa (AMADO, 2002, p. 33).

Na narração, cria-se uma imagem ideal de mulher representada pela personagem Andorinha Sinhá, sendo ela obediente, amável, bem-comportada e bondosa, não só com seus pais, mas com todos que a cercavam. Era vista com um olhar meigo, pois era isso que transmitia a todos do parque. Tal idealização torna evidente a imposição do patriarcalismo sobre as mulheres, que devem ter um pensamento voltado somente para o lar, para a família e para o casamento, fazendo assim com que a mulher se limite somente a isso e tornando-se uma mulher ideal para a sociedade existente.

A sociedade cria uma mulher ideal e é essa mulher que tem que ser submetida a tudo que ele lhe impõe, ou seja, para que a mulher seja aceita por uma sociedade, tem que ser conforme a sociedade determina.

2.3 Uma mulher que foge aos padrões sociais

O que mais a sociedade questiona e critica é ver uma mulher fora dos padrões sociais, se ela for uma mulher obediente e que respeita tudo o que é proposto pelo meio social, ela é aceita por todos. A partir do momento que a Andorinha começa a namorar com o Gato Malhado, o olhar crítico da sociedade se manifesta na narrativa nos muitos dizeres dos animais da floresta reprovando o relacionamento. Isso é perceptível no seguinte trecho: “Onde já se viu uma andorinha, linda andorinha, louca andorinha, às voltas com um gato? Tem uma lei, uma velha lei, pombo com pomba, pato com pato, pássaro com pássaro, cão com cadela e gato com gata (AMADO, 2002, p. 45)

No trecho anterior, revela-se um padrão social que é infringido pelos protagonistas: cada animal tem que se relacionar com um da sua espécie. Apesar da reprovação social, a Andorinha Sinhá mantém por um tempo o seu namoro com o Gato Malhado, pois, para ela, que não se submete às imposições sociais, não há problema algum em falar ou até mesmo se apaixonar por alguém de outra espécie. Com essa atitude, ela se revela como uma mulher capaz de tomar suas próprias decisões e que foge totalmente dos padrões sociais. Ela deixa de ser subalternizada para ser protagonista da sua própria história.

2.4 Uma mulher que se submete aos padrões sociais

No trecho a seguir, os pais da personagem Andorinha fazem o possível para que ela se case com o Rouxinol, pois só assim pararia de se encontrar com o Gato Malhado:

[...] O pai da Andorinha ouviu os rumores, a mãe da Andorinha os rumores ouviu. O pai da Andorinha disse zangado à mãe da Andorinha: “Nossa filha vai mal, nossa filha anda às voltas com o Gato Malhado.” A mãe respondeu: “Nossa filha é uma tola, precisa casar.” O pai perguntou: “Casar, mas com quem?” A mãe respondeu: “Com Rouxinol que já me falou.” E o parque inteiro tal coisa aprovou: “Que bom casamento para Andorinha. O Rouxinol é belo e gentil, sabe cantar, é da raça volátil, com ele bem pode a Andorinha casar (AMADO, 2002, p.46).

Embora na narrativa, não apareça o diálogo da Andorinha com os pais sobre esse assunto, é possível perceber, a partir da atitude da Andorinha em aceitar se casar com o Rouxinol, que ela acaba se submetendo às pressões familiares e de todos os bichos (sociedade) da floresta. O Rouxinol é o marido escolhido para ela, considerado perfeito por todos. Em nenhum momento na história é mostrado algum tipo de romance entre ele e a Andorinha Sinhá, mas, mesmo assim, ele é quem se tornará o marido dela. Ocorre, nesse caso, um típico casamento arranjado, daqueles bem comuns em sociedades patriarcais.

A personagem Andorinha, que no início da narrativa é representada como alguém livre, ousada e disposta em enfrentar qualquer imposição social, acaba por se submeter aos padrões estabelecidos pela sociedade, fazendo com que ela (mulher) deixe de existir e passe a ser mais uma vez submetida a tudo que se espera dela, ou seja, que seja obediente, case com alguém escolhido para ela, tornando-se, em decorrência disso, esposa e mãe, e, como consequência passe a se preocupar em cuidar do marido e dos filhos, além, é claro, de se preocupar com os afazeres domésticos. Como se pode constatar, a Andorinha não conseguiu lutar contra as determinações sociais impostas às mulheres, pois: “Desde que o mundo é mundo, às andorinhas é proibido casar com gatos. Essas proibições é mais do que uma lei e está plantada com fundas raízes no coração das andorinha” (AMADO, 2002, p. 55).

Na narrativa, há, ainda, uma representação dos deveres que as mulheres devem assumir com relação ao marido, principalmente no que se refere à fidelidade, conforme expresso no trecho: “O casamento civil foi em casa da noiva, o Galo era juiz e fez um discurso eloquente sobre as virtudes e os deveres de uma boa esposa, especialmente sobre a fidelidade devida ao marido. Da fidelidade do marido a ele não falou” (AMADO, 2002, p. 59). O interessante desse trecho é que o narrador chama a atenção para o fato de o Galo, que era o Juiz de Paz, não ter orientado também o marido sobre importância de ele ser fiel à esposa. Algo comum numa sociedade patriarcal que vê o homem como aquele que pode tudo, inclusive ser infiel, enquanto delega à mulher um mundo de submissão, obediência e anulação.

Uma representação bastante clara do que a sociedade faz com quem não segue os padrões exigidos por ela é o episódio da morte do Gato Malhado, que, sugestivamente no texto, é devorado pela Cobra Cascavel. Essa sugestão é perceptível em dois trechos. No primeiro, há a indicação de que o canto tocado, no dia do casamento da Andorinha Sinhá, configura-se como um canto funerário para o Gato Malhado: “[...] Canção nupcial para os noivos; para o Gato Malhado, canto funerário” (AMADO, 2002, p. 60). No segundo trecho, a sugestão está na ida do Gato em direção ao reduto da Cobra Cascavel: “[...] Conhece um lugar longínquo, onde vive apenas a Cobra Cascavel [...]. O Gato tomou a direção dos estreitos caminhos que conduzem à encruzilhada do fim do mundo (AMADO, 2002, p. 60). Tem-se a certeza de que ele foi devorado pela Cascavel por meio da ilustração presente no final da narrativa, nela, há a imagem de uma cascavel devorando um gato. Talvez o autor tenha decidido utilizar essa ilustração porque, como no texto essa informação não está explícita, o leitor infantil ao qual o livro se destina poderia não compreender que, de fato, o Gato Malhado morreu ao ser devorado pela Cobra Cascavel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises sobre o livro “O Gato Malhado e Andorinha Sinhá”, é possível constatar que o modo como a mulher é representada socialmente na vida real também se manifesta na obra ficcional. Embora tenhamos um breve deslumbre da Andorinha Sinhá como alguém que não se submete ao que a sociedade lhe impõe, ao final da narrativa, acontece com ela o que acontece com muitas mulheres na realidade: a submissão aos padrões sociais. No conflito da narrativa, a protagonista age como poucas mulheres conseguem e como muitas desejam agir, visto que não se importa com o que falam e insiste em manter o seu relacionamento amoroso com o Gato Malhado.

Entretanto, são tantas as pressões sociais que a representação social que prevalece na narrativa é a da mulher subalternizada, que dá tanta importância às opiniões alheias que acaba se casando com um noivo escolhido por sua família. Prevalece, assim, na narrativa, a imagem da mulher como um ser frágil, delicado, amável, sorridente, obediente, generoso, passivo, submisso, que aceita todas as condições impostas a ela. Lamentavelmente, algumas obras literárias direcionadas à literatura infantil disseminam essa imagem de mulher, apesar dos frequentes discursos de empoderamento propiciados pelo movimento feminista.

Tal situação é um indicador de que hoje o mundo precisa realmente ser mudado, pois só um gênero está sendo privilegiado. A atitude em provocar a mudança não deve ser apenas dos autores de histórias infantis, mas de toda a sociedade, visto que esta é responsável não só por erguer muros entre homens e mulheres, mas também por determinar que cabe a mulher exercer um papel secundário na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge, 1912-2001. **O gato malhado e a andorinha sinhá**: uma história de amor. Ilustração de Carybé. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CARBONI, Elisangela Marafico. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, Paraná.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato&versões**, n. 2, v.1, p. 3-16, 2009.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **A literatura de Jorge Amado: orientação para o trabalho em sala de aula**. Caderno de leituras. São Paulo: MdCtPra schwarcz Dtda, 2008.
- GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC, 1998
- MAGALHÃES, T.A.L.de. (1980). **O papel da mulher na sociedade**. Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo, 75, 123-134. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895>
- PIMENTA, Luciana Mendes. **A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais e contemporâneos nas obras cinderela e procurando firme**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de Letras Língua Portuguesa e Inglês, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas.
- RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher**. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2023.
- SOARES, Livia Maria Rosa. A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Maria Colosanti. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v.40,n. 68, ,p. 75-83, Jan/Jun, 2015.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 253-261.